



Responsáveis pela limpeza pública, os garis são vítimas constantes de atropelamento no DF

# Garis arriscam a vida nas pistas

**ELES TRABALHAM SOB A PROTEÇÃO APENAS DE CONES E PLACAS. PARA NÃO SER ATROPELADOS, PRECISAM CONTAR COM A PRUDÊNCIA DOS MOTORISTAS, O QUE NEM SEMPRE ACONTECE**

**Kelly Crosara**

É bom ver a cidade toda limpa, sem nenhum lixo nas ruas. Mas para que isso aconteça, vários profissionais da limpeza estão por trás disso, os garis. Eles trabalham duro e ainda passam por perigos incalculáveis em seu dia-a-dia. Motoristas irresponsáveis colocam em risco a vida dessas pessoas, que, protegidos apenas por cones e placas, rezam para passarem mais um dia vivos.

Acidentes com garis já viraram rotina. José Ednar Rodrigues, de 48 anos, está neste trabalho há oito meses e já presenciou vários colegas sendo

atropelados. "Sempre trabalhamos em duplas e a única proteção que temos são cones e placas avisando a nossa presença na pista. Apesar de achar que isso é pouco para nos dar segurança, não vejo outra forma de proteger minha vida senão deixar esse trabalho", afirmou.

Expedito Silva, diretor de operação da Belacap, empresa responsável pela limpeza pública do DF, afirmou que acha que a segurança dada para os garis é suficiente para garantir suas vidas. Segundo ele, o que está faltando é a conscientização dos motoristas que não respeitam o trabalho desta classe. "Se as pessoas andassem na veloci-

dade das vias, daria para enxergar os cones e placas e parar a tempo, mas como isso não acontece, nossos funcionários sofrem as consequências", disse. Apesar de a empresa não saber ao certo quantos já morreram acidentados, Expedito afirma que o número é grande.

A pessoa responsável por zelar pela segurança dos garis são os fiscais. Existe um para cada 15 profissionais da limpeza. Eles colocam os cones e placas em uma distância que dê para os motoristas enxergarem e ficam com bandeirinhas para sinalizar o local. O fiscal Marcos Vinicius, de 41 anos, disse que a maioria dos

colegas não cuidam de seu grupo como deveriam. "Eles não se preocupam com a vida de ninguém. Existem alguns que até largam os garis trabalhando nas pistas e vão descansar", denuncia.

Outra reclamação dos garis é em relação aos baixos salários e à falta de condições para trabalhar. O gari Gilberto Esteves Soares, de 24 anos, disse estar cansado de tanta humilhação e da falta de dinheiro. Segundo ele, o salário que recebe é de R\$ 335 e o próximo reajuste está previsto somente para o mês de agosto. "O ticket alimentação que recebemos é de R\$ 105. Não dá nem para colocar comida

suficiente em casa, pois meu aluguel é de R\$ 150 e tenho três filhos e mulher para sustentar", reclama.

Os constrangimentos também são muitos nesta profissão. Gilberto disse que os motoristas, principalmente os de ônibus, não respeitam este tipo de trabalho: "Somos obrigados a trabalhar faça chuva ou sol. Ontem mesmo (terça-feira) tive que tomar uma injeção de antibiótico para sarar a gripe que peguei varrendo as ruas na chuva forte. Os condutores passam por nós muito perto para nos assustar e às vezes até nos xingam por estarmos atrapalhando as vias. É um absurdo!"

## Bloco da limpeza na avenida

Fim de carnaval. Agora chegou a vez de outro bloco entrar na avenida, a ala dos garis. Apesar de não aparecerem muito, eles são peças determinantes nesse cenário carnavalesco. Sua responsabilidade é zelar pela limpeza da cidade. É na quarta-feira de cinzas que esses passistas começam a sambar e eliminar a bagunça deixada pelos foliões. E haja lixo espalhado pelas ruas!

Segundo o diretor de Operações da Belacap, Expedito Silva, foram recolhidas 16 toneladas de lixo durante os quatro dias de festa. Ele disse que a quantidade foi menor em relação ao ano passado, por causa do longo período de chuva. "Acho que a água espantou os foliões este ano", afirmou. Segundo Expedito, trabalharam neste feriado cerca de 70 garis,

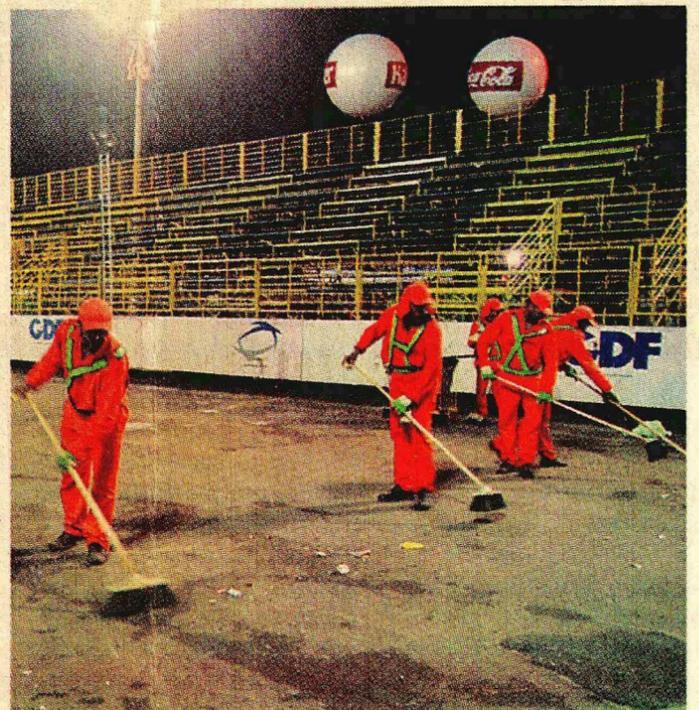
que se revezaram na parte da manhã e noite.

A Passarela da Alegria, onde aconteceram os desfiles das escolas de samba de Brasília, ficou lotada de latinhas de cerveja, papéis de todas as cores, tipos e tamanhos, além de restos de comida. Dois turnos de catadores e varredores de lixo se revezaram desde sábado, de manhã e à noite, para deixar um aspecto mais agradável para as pessoas se divertirem. Ontem, dia de apuração, a bagunça aumentou mais um pouco com os enfeites dos carros alegóricos, que foram jogados no chão.

O fiscal dos garis Marcos Vinicius, de 41 anos, disse que este ano foi o que mais juntou lixo na Passarela da Alegria no período de carnaval. Segundo ele, 40

garis trabalharam no local. "O pessoal está muito porco. Parece que cada vez mais as pessoas ficam mal-educadas. Foram espalhados muitas lixeiras pela avenida para que isso não ocorresse, mas o que se via eram foliões ao lado dos contêineres jogando latas de bebidas e outras coisas do lado de fora", disse.

No Ginásio Nilson Nelson, onde foi realizado o Rebanhão, festa católica que reuniu mais de 30 mil pessoas ficou de dar dó. Como não foi permitida a entrada de latas de bebidas, o lixo que mais se acumulou foram copos de plástico e restos de comida. A festa cristã acabou às 19h30 de terça-feira com muito trabalho para os catadores de lixo, que tiveram que dar duro na manhã de ontem. (K.C.)



Evandro Matheus